

## METÁFORAS SOBRE A MULHER: UMA VISÃO LINGÜÍSTICA E CONCEPTUAL

Márcia dos Santos Lopes<sup>1</sup> (UTFPR)

**RESUMO:** Este trabalho visa analisar conceptualmente as metáforas que são ditas sobre a mulher, a fim de compreender o processo de interpretação da metáfora. O objetivo principal é identificar as propriedades semânticas que são metaforizadas e os tipos de palavras utilizadas, na busca de regularidades de uso, observando conceitos implícitos nas expressões metafóricas. Foram analisadas metáforas sobre a mulher, retiradas do cotidiano e da imprensa escrita e classificadas nas seguintes categorias: animais, artefatos e propriedades dos artefatos, elementos da natureza e elementos ficcionais.

**RESUMEN:** Este trabajo visa a analizar conceptualmente las metáforas dichas sobre la mujer, con el objetivo de comprender el camino de interpretación de la metáfora. El objetivo principal es identificar las propiedades semánticas que son metaforizadas y los tipos de palabras usadas, en la búsqueda de regularidades del uso, observando conceptos implícitos en las expresiones metafóricas. Para tal, fueron analizadas metáforas sobre la mujer sacadas del cotidiano y de la prensa escrita y clasificadas en las siguientes categorías: animales, artefactos y propiedades de los artefactos, elementos de la naturaleza y elementos ficcionales.

### 1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar as metáforas que são ditas sobre a mulher, numa perspectiva conceptual, buscando entender o processo de interpretação do fenômeno metafórico. A partir da análise das propriedades lexicais dos seres e objetos que compõem o domínio-fonte de uma metáfora, numa perspectiva conceptualista, buscou-se a identificação das possíveis regularidades de uso e dos conceitos implícitos em cada expressão metafórica. Eram três as hipóteses formuladas: existem regularidades no que diz respeito às metáforas sobre a mulher; a construção do significado da metáfora se dá com base em estereótipos formulados pela comunidade de fala; e o contexto auxilia na tarefa de salientar alguns traços dos domínios em detrimento de outros. O material de estudo foram sentenças metafóricas sobre a mulher retiradas de revistas femininas e masculinas, de sites femininos na Internet e de piadas e frases populares. A análise qualitativa dos dados conduziu a uma divisão metodológica em quatro categorias: metáforas produzidas a partir de domínios-fonte animal, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais.

A partir do ponto de vista de alguns estudiosos da metáfora, como os filósofos Hilary Putnam, Sam Glucksberg, o psicolinguista Raymond Gibbs e o linguista George Lakoff, pretende-se tratar da questão da estereotopia motivadora da metaforização e das propriedades utilizadas na construção de metáforas sobre a mulher.

Uma das razões pelas quais o fenômeno metafórico será estudado é que, além de ser uma manifestação estética muito presente em textos literários, faz parte da vida cotidiana e contribui para a comunicação, tanto quanto os usos aparentemente literais. Segundo LAKOFF & JOHNSON (1980, tradução brasileira: 2002), “a linguagem metafórica sempre foi estudada como um ornamento retórico, desde os gregos clássicos, e como uma característica restrita à linguagem e não ao pensamento.” Muitos filósofos, inclusive da atualidade, como Hilary Putnam, Donald Davidson e Nelson Goodman, teorizaram, tentando trazer à luz o significado da metáfora. Mas é bem recente seu estudo como um fenômeno comum à escrita e à fala cotidiana.

O surgimento da abordagem cognitiva da metáfora, com a publicação de *Metaphors we live by* de MARK JOHNSON e GEORGE LAKOFF (1980) muito contribuiu para que se pudesse reconhecê-la como um fenômeno inerente à linguagem humana, assim como a ironia, a metonímia, a ambigüidade etc. Esses teóricos vêem a metáfora como um fenômeno motivado pela cognição e, por isso, distinto do que chamam de metáfora lingüística. Esses estudos mostram o fascínio que a metáfora exerce sobre o observador da linguagem e o seu importante papel na compreensão do mundo, da cultura e do ser humano.

Outra justificativa para a escolha desse tema é a presença constante, nas práticas diárias de linguagem, de metáforas que tentam explicar ou definir o gênero feminino e, por meio delas, veiculam visões sobre a mulher.

Quanto às razões teóricas, os semanticistas com direcionamentos referencialista, descritivista e cognitivista discutem a existência de características que são metaforizadas e as nomeiam como traços ou propriedades, alguns até insinuam que elas são fruto de estereotopia, mas não mostram quais são essas propriedades e nem as possíveis regularidades de uso, bem como a quais estereótipos culturais as mesmas se referem. Este trabalho vai contribuir para uma reflexão sobre a forma metafórica na qual se manifestam as idéias concretas que se pretendem expressar sobre o gênero feminino. Da perspectiva da linguagem e do conceito, se pretende analisar o dizer sobre a mulher.

Além das razões aqui explicitadas, é importante acrescentar que, quanto mais estudos empíricos sobre metáforas e estereótipos forem realizados, inclusive os que dizem respeito à mulher, mais reflexões serão feitas na tentativa de tornar evidente que idéias preconcebidas não são baseadas em realidades, mas em estereótipos do pensamento coletivo. Além disso, se abrirá um caminho para o desvendamento do “status” epistemológico da metáfora.

Como hipótese, apresentam-se as seguintes possibilidades:

---

<sup>1</sup> marcialopes\_1@hotmail.com

a) há regularidades lingüísticas no uso das metáforas;

Observe os exemplos abaixo:

(01) Ela é um avião.

(02) Ela é multimídia.

(03) Ela é um trator.

Embora existam outras possibilidades de interpretação para as sentenças acima, como considerá-las uma referência a características físicas femininas, essas expressões metafóricas, cuja fonte são máquinas ou suas propriedades, conduzem a uma interpretação dirigida ao comportamento ágil, rápido e veloz da pessoa metaforizada. Esse é um tipo de regularidade lingüística, de base semântica, que se pretende estudar neste trabalho.

b) metáforas são construídas com base em estereótipos;

Um bom exemplo dessa hipótese é a seguinte sentença:

(04) Ela é uma cobra.

A sentença (04) pode ser metaforicamente verdadeira se a referida pessoa for malévola como se imagina que uma cobra seja, mesmo que se saiba que nem todas as cobras são venenosas e que elas só atacam quando se sentem ameaçadas. Uma propriedade do animal cobra foi atribuída à mulher, mesmo que, de fato, o referente literal não tenha as características sugeridas pelo possível estereótipo, ou seja, a metáfora é interpretada a partir daquilo que se imagina sobre o objeto, do seu estereótipo. E, possivelmente, o traço escolhido para ser ressaltado é produto de um protótipo de “cobra” que tem aquelas propriedades já mencionadas.

c) apenas traços salientes no contexto em que está inserida a expressão são ressaltados. Outras propriedades que também poderiam sugerir características são apagadas na escolha do traço para metaforização.

Observe a sentença (04) cujo domínio-fonte é uma cobra e o domínio alvo é um ser humano do sexo feminino. A interpretação dessa metáfora revela que apenas as propriedades como ser venenosa e perversa são apontadas. Propriedades como ser parte da natureza, ser necessária e muitas vezes inofensiva são apagadas no processo de metaforização. Isso provavelmente se dá porque os traços do domínio-fonte que são salientados normalmente correspondem à necessidade do contexto no qual a sentença foi pronunciada.

## 2. A metáfora e o estereótipo

Uma questão importante diz respeito ao estereótipo. Uma interpretação metafórica possivelmente não envolverá apenas as propriedades verdadeiras dos termos usados metaforicamente, mas as propriedades estereotípicas que estão comumente relacionadas a eles. Se for assim, a metáfora pode ser verdadeira ou apropriada, mesmo que a comparação seja falsa. Isso é um problema para a hipótese referencialista, porque mais uma vez não pressupõe a existência de um referente objetivo. Induz a pensar que não são apenas as propriedades dos referentes que importam na interpretação de uma metáfora. Aponta para uma das hipóteses dessa pesquisa que é a existência de estereótipos como representações dos objetos.

Putnam (cf. op.cit.: 250) afirma que a comunidade de fala é responsável pela escolha dos termos que usa, mesmo desconhecendo qualquer descrição real da extensão do termo. Essa comunidade deve possuir uma mínima competência para, independentemente de critérios de identificação, de verificação ou conjunto de descrições necessárias para se reconhecer uma palavra e seu referente, construir os significados necessários à comunicação. Nessa construção, ela dispõe de idéias convencionais, algumas vezes inexatas, como afirma Putnam (op.cit.: 249): “a stereotype is a conventional (frequently malicious) idea (which may be wildly inaccurate) of what an X looks like or acts like or is.” O fato de um traço ter se tornado parte da descrição de uma coisa ou de uma pessoa não significa que ela realmente possua esse traço. Ele pode ter sido criado a partir de uma característica de um dos membros da classe em questão. Um exemplo que confirma a construção de uma metáfora com base em imagens sociais pré-estabelecidas são as sentenças “Ela é uma galinha” e “Ela é uma raposa”.

Em ambas, têm-se metáforas formadas a partir da aproximação entre o gênero feminino e as fêmeas galinha e raposa. O traço real que aproxima os elementos “Ela” e “galinha” é serem do gênero feminino. Os demais traços são apenas suposições construídas com base no estereótipo corrente na comunidade de fala brasileira, que caracteriza o animal galinha como promíscuo, prostituído, fácil. Mas, ainda que esses traços nem existam, eles são transferidos à mulher e aceitos entre as pessoas. O mesmo ocorre em “raposa, com o diferencial de que os traços desse animal, que são transferidos para a mulher, são esperteza, sagacidade, características que podem ser consideradas positivas, dependendo do ponto de vista. No entanto, tanto os traços negativos quanto os positivos são estereotipados socialmente. Glucksberg (2001:75), tratando das expressões idiomáticas, considera que elas, assim como as metáforas, trazem à mente uma instância prototípica ou estereotípica de uma categoria inteira de pessoas, eventos, situações ou ações. É assim que se constrói um estereótipo.

Assim, muitas metáforas envolvem estereótipos determinados culturalmente em vez das reais propriedades dos referentes e esse ponto será importante na análise conceptual que será empreendida neste trabalho. Mas é importante salientar que Putnam fala em determinação cultural, mas trabalha com o significado das palavras isoladas, não em contexto. (cf. SANTOS 2003:3)

Uma corrente de estudiosos considera que a referência ou a extensão da expressão aplicada metaforicamente e a semelhança entre objetos não determinam a interpretação metafórica. São aspectos como sentido ou intensão, ou mais geralmente a informação descritiva associada ao significado, que determinam qual a interpretação ideal para uma determinada metáfora. Essa corrente, denominada descritivismo, normalmente explica a interpretação metafórica em termos de transferência de significado. Para eles, é

exatamente a falta de semelhança entre as palavras, chamada de “oposição lógica” ou “conflito semântico”, que autoriza o reconhecimento da metáfora.

A informação descritiva pode, mas não precisa ser parte do significado de uma expressão, no sentido estrito da palavra. Ela pode também ser associada ao significado e constituir suas conotações em vez de denotações. Têm-se aqui os “estereótipos”. (cf. PUTNAM op.cit.251)

### 3. A metáfora conceptual

A terceira corrente que é necessário apresentar é a Conceptualista, encabeçada por Lakoff & Johnson (1980, tradução 2002), que representou uma ruptura paradigmática em relação à visão objetivista da metáfora (Davidson) e uma contribuição de natureza epistemológica aos referidos estudos. A partir daí acontece uma reformulação de conceitos no que tange à objetividade, à compreensão, à verdade, ao sentido e à metáfora. Idéias que percorreram as teorias referencialistas e descritivistas, como, por exemplo, a concepção de metáfora como desvio da linguagem e/ou como fenômeno pertencente às linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, perdem a consistência teórica. Pensar em verdades como únicas e independentes passa a ser um raciocínio ultrapassado e questionável. Segundo Ortony (cf. op. cit.: 1, 2), o novo paradigma se denominará construtivista, por conceber a idéia de contexto e interatividade em seu processo. Nesse paradigma se baseará a pesquisa em questão.

As maiores mudanças começaram a ocorrer na década de 70, quando a metáfora tornou-se objeto de estudo das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva, com a publicação da obra *Metaphor and Thought* (ORTONY, 1979), que continha o artigo *The conduit metaphor*, de Reddy (1ª edição 1979), traduzido para o português como a Metáfora do Canal.

Mas Lakoff & Johnson (op.cit.) foram os primeiros que conceberam a existência de dois tipos de metáforas: a metáfora conceptual e a metáfora lingüística. Eles partiram da análise de expressões lingüísticas consideradas metafóricas e inferiram um sistema conceptual metafórico que subjaz à linguagem e que influencia o pensamento e as ações humanas.

A teoria conceptualista de Lakoff & Johnson destruiu algumas dicotomias que prevaleciam na literatura sobre o tema, como:

#### 1. Literal x Metafórico

Ao considerar que a maioria das nossas produções de linguagem é metafórica, a idéia de existência de uma linguagem literal e outra metafórica perdeu o sentido. O que antes era visto como literal ficou relegado apenas aos conceitos concretos, que são poucos. Já o metafórico, passou a ser visto com maior abrangência, já que os conceitos abstratos e as nossas emoções são representados metaforicamente.

#### 2. Linguagem Cotidiana x Linguagem Literária

Os autores mostraram que, no cotidiano, assim como na literatura, há uma quantidade enorme de metáforas, desfazendo assim a idéia de que o uso de uma figura de linguagem era um desvio praticado pela literatura e que não deveria existir na fala cotidiana, nem na ciência.

Segundo os autores, “a metáfora não pode ser encarada apenas como a transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu, baseada numa relação totalmente subjetiva, nem sequer aplica-se somente à linguagem poética” (cf. LAKOFF & JONHSON, op. cit.: 45). Há que se diferenciar a metáfora conceptual, que organiza o nosso modo de representação e categorização do mundo e que é a base do mapeamento conceptual, da metáfora lingüística, que corresponde à materialização da estrutura conceptual subjacente. Em outras palavras, quando um uso lingüístico vem a ser considerado metafórico, é porque está se fazendo uso de uma estrutura conceptual mais abrangente. Para eles, a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Muitas experiências são abstratas, o que cria a necessidade de buscar um elemento concreto para torná-las compreensíveis. Segundo os autores, é essa necessidade que faz com que a metáfora estruture o sistema conceptual humano.(cf. op. cit.: 205).

Lakoff (cf. 1993:206-207) afirma que o que ele chama de metáfora conceptual “pode ser entendida como um mapeamento sistemático entre dois domínios: domínio-fonte *source domain* e domínio-alvo *target domain*”. Esses elementos são a origem e o destino da metáfora, respectivamente. Ambos os domínios se correspondem sistematicamente, ou seja, seguem um padrão. É esse padrão e possíveis regularidades entre conceitos e elementos lingüísticos que se pretende estudar nesta pesquisa. Sobre isso, Gibbs (1996:309) afirma que a metáfora não pode ser considerada apenas uma figura de linguagem já que é um mapeamento mental influenciador dos pensamentos e raciocínios das pessoas. Grim Cabral (1994:8) afirma que produzir ou compreender metáforas não é apenas uma operação semântica, são processos cognitivos mais abrangentes que modificam os conhecimentos sobre o mundo e conduzem também a uma reorganização de conceitos.

### 4. Metáfora e cultura

A relação entre metáfora e coerência cultural está presente em muitos momentos da argumentação dos criadores da perspectiva conceptual. Os autores tratam dos valores que são enraizados em cada cultura e afirmam que estes são sempre compatíveis com o sistema metafórico da língua em questão.

E assim como há conflitos entre os valores culturais, existem também conflitos entre as metáforas associadas a eles e algumas delas têm prioridade sobre as outras. Eles admitem que, até mesmo nos EUA, há as chamadas subculturas, que valorizam uma metáfora em detrimento de outra. A prioridade é dada à metáfora, dependendo da subcultura em que se viva e dos valores pessoais de cada um. Ao que parece, a escolha se dará dependendo daquilo que se considere importante em cada subcultura. Além dessas

subculturas, há grupos que se opõem à cultura principal e criam suas próprias metáforas. Mas, ainda assim, preservam outros valores da cultura dominante. Esses são considerados marginais.

Ao falar de valores culturais, os autores referem-se àqueles decorrentes da industrialização e do capitalismo americano, como consumo, acúmulo de bens, prioridade à carreira, competição e prestígio social.

Os mapeamentos metafóricos TRABALHO É UM RECURSO/TEMPO É UM RECURSO são exemplos da influência dos valores culturais na formação de conceitos. Recurso é matéria-prima, é fonte de combustível e é quantificado e valorado como um tipo de material consumível e que tem uma finalidade. Tempo e trabalho são substâncias.

Esses mapeamentos não são conceitos universais, dependem da sociedade e do momento histórico (cf. LAKOFF & JOHNSON, op. cit.: 74). Há culturas, como as orientais, cujos valores priorizam uma orientação diferente de PARA CIMA/PARA BAIXO. Nessas culturas o que importa é o “equilíbrio” e a “centralidade”, a “passividade” e não a “atividade”.

Como é uma questão cultural, essas metáforas enfatizam o que é essencial, do ponto de vista da sua cultura, e encobrem outros fatores. É por meio da análise do que as metáforas conceituais enfatizam que se constata o que elas encobrem.

Uma crítica à abordagem Cognitiva (cf. LEEZENBERG, op. cit.: 139, 140) é quanto à não sistematização da questão dos fatores culturais e sociais como grandes influenciadores das experiências conceituais. Ou seja, não tratam com profundidade a questão do papel da cultura na aquisição de experiências e do pensamento metafórico. A ausência desse aspecto parece fortalecer a idéia de que a metáfora é apenas produto das mentes individuais. Embora os autores afirmem que os conceitos não são universais, como dito anteriormente, e, portanto, a metáfora conceptual pode não ser a mesma, em todas as culturas ou circunstâncias sociais, seus exemplos não comprovam isso, talvez porque se trata de uma pesquisa, envolvendo apenas a sociedade e a cultura americanas. Eles não consideram também que pessoas diferentes têm conceitos distintos, ainda que sejam da mesma cultura. A principal dificuldade é com o problema de considerar que “conceitos culturalmente transportados envolvem essencialmente informações lingüisticamente transportadas”. (cf. op.cit.:142)

Segundo os autores conceptualistas, os conceitos se apresentam na seguinte ordem de experiências: Espaciais, Emocionais, Mentais e Culturais. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:131)

As experiências básicas são as espaciais, que formulam as metáforas orientacionais e são fundamentais e indispensáveis. Inclusive podem ser compreendidas diretamente, sem processo metafórico. Mas o que chamam de experiência física direta não é apenas corpórea é também cultural e preestabelecida socialmente. Toda experiência humana é cultural e o homem experimenta tudo a sua volta com tanta intensidade que sua cultura já está presente na experiência em si. No entanto, há uma diferença entre experiências totalmente físicas, como levantar, sentar-se, e experiências mais culturais, como participar de uma cerimônia de casamento.

Conceitos centrais, cuja base é corpórea, são mais fáceis de se definir do que as experiências emocionais, que não são claras. Segundo eles, “embora uma estrutura conceptual claramente delineada para espaço venha do nosso funcionamento motor-perceptivo, nenhuma estrutura conceptual claramente delineada para as emoções vem exclusivamente do nosso funcionamento emocional”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:129)

Para eles, todas as experiências são importantes, mas é habitual conceptualizar-se experiências não-físicas em termos de experiências físicas. E os domínios fundamentais das experiências são o espacial, o social e o emocional. Nenhum domínio tem prioridade sobre o outro e todos são básicos. Leezenberg (cf. op.cit.:143) critica a teoria também nessa questão. Para ele, “as categorias de nível básico emergem diretamente de nossas funções preconceituais e físicas, mas não se pode reduzir fatores sócio-culturais a biológicos” pois “imagens e categorias de nível-básico são culturais – e dependem da linguagem, e, portanto, não podem ser inteiramente preconceituais ou biologicamente determinadas”.

A teoria conceptualista considera a existência de um domínio básico da experiência e de tipos naturais de experiência. Naturais porque resultam de produtos da natureza humana, como o corpo humano, a interação com o ambiente físico, a interação com outras pessoas na cultura.

Os tipos naturais de experiência fazem parte de uma *gestalt experiencial*, que são “conjuntos estruturados nas experiências humanas recorrentes” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 208) e são organizados coerentemente. Os domínios concretos que correspondem aos tipos naturais de experiência acima mencionados são orientação espacial, objetos, substâncias, visão, viagens, guerra, loucura, comida e construção.

Além disso, todo conceito tem aspectos especializados que são usados em determinadas subculturas ou em determinadas situações, como já dito anteriormente. Assim, existem coerência e justaposição entre conceitos e são possíveis porque essas metáforas compartilham implicações. Um conceito pode apresentar dois ou mais aspectos. Cada aspecto terá a sua metáfora, mas todas as metáforas estarão relacionadas ao mesmo conceito.

São implicações metafóricas (cf. BLACK, op.cit.:28) que dão coerência aos exemplos e sistematicidade interna à metáfora. Usa-se o conceito conforme a necessidade. Mas, para que haja coerência, é necessário que a metáfora tenha um objetivo. Segundo os autores conceptualistas, até mesmo exemplos simples de metáforas podem se tornar complexos, se duas metáforas servirem a mais de dois objetivos e estiverem envolvidas em coerências ainda mais complexas.

## 5. Categorização e similaridade

A categorização e a similaridade serão tratadas na mesma seção por estarem diretamente relacionadas. É uma estratégia peculiar ao ser humano categorizar os objetos. Isso decorre da noção de causalidade que, segundo os autores, está relacionada ao

protótipo que é “um complexo de propriedades recorrentes”, “holístico, analisável em termos daquelas propriedades e passível de grande variação” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:147). Portanto, a noção de causalidade e, conseqüentemente, de categorização está presente em todas as atitudes e atividades humanas. Os bebês aprendem a noção de causalidade a partir de atitudes repetitivas, como jogar a mamadeira, colocar a mão no interruptor. Os adultos têm essa noção de causalidade direta como parte integrante da vida cotidiana: acendem luzes, abotoam camisas etc. Esses casos são “prototípicos” ou “paradigmáticos” de causalidade direta.

Quando se trata de buscar significados, as pessoas também categorizam os objetos em termos de protótipos (cf. GLUCKSBERG op.cit.:48) e de semelhanças de família. Por exemplo, o protótipo das aves tem pena, tem patas, canta e voa. Essa noção de conjunto é muito importante para os referencialistas quando tentam definir as qualidades de um objeto, porque os objetos se definem por categorias. Mas a categorização tradicional não abrange alguns aspectos fundamentais para a teoria conceptual, como a existência de protótipos dos objetos (cf. GLUCKSBERG op.cit.:49) e objetos que não obedecem a nenhum protótipo. Um bom exemplo, já citado acima, é o protótipo das aves, pois existem alguns seres que são aves, apesar de só terem alguns desses traços, e seres que têm alguns desses traços e não são aves, como por exemplo, os insetos que voam.

A compreensão humana se dará mediante a relação dos objetos não prototípicos com os referidos protótipos. (cf. ROSCH, 1979 apud. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.:214). Dessa forma, os objetos apresentam semelhanças com os protótipos e não são necessariamente similares entre si. Não há um centro fixo de propriedades, porque não é necessário que elas coincidam totalmente entre um objeto e outro. Existem propriedades inerentes aos objetos, que são fixas, e propriedades interacionais, que dependem do contexto, e é fundamental o papel das propriedades interacionais na determinação de semelhança de família. Existem modificadores *bedges*, que selecionam o protótipo de uma dada categoria. As categorias são abertas. Com elas se pode categorizar e até recategorizar. No entanto, a categorização não é arbitrária, pois obedece a uma certa sistematicidade.

A categorização também exerce um papel muito importante sobre a noção de verdade, porque, para compreender o mundo e agir sobre ele, temos que categorizar os objetos e as experiências de forma que passem a fazer sentido para nós. Categorização é uma forma natural de identificar um ‘tipo’ de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras “. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 266) Ao focalizar-se em um tipo de propriedade, outras serão escondidas e isso já é uma espécie de categorização. A escolha da palavra quase sempre é baseada no aspecto que se deseja enfatizar, portanto na verdade da qual se faz parte.

Quanto à questão específica da similaridade, muito discutida pelos referencialistas, os conceptualistas consideram que muitos conceitos têm aspectos similares. Todas as metáforas convencionais, sejam elas estruturais, orientacionais ou ontológicas, criam as similaridades e as definem.

Na metáfora nova, a similaridade é criada da seguinte forma: a recém-criada metáfora se baseia em outra pré-existente, que também já se baseou em outra e assim por diante. As similaridades são dadas pelas implicações de cada domínio, partindo de um protótipo ou de um estereótipo. Nenhuma implicação trará similaridade completa entre os domínios.

Entretanto, há uma similaridade que é induzida pela metáfora, a qual os conceptualistas chamam de similaridade estrutural, que “envolve o modo pelo qual entendemos como as experiências individuais iluminadas encaixam-se entre si de um modo coerente” (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 249) e que permite perceber coerência entre os domínios. É essa estrutura colaborativa que permite encontrar a similaridade. A metáfora cria similaridades da seguinte forma: “As metáforas que são baseadas em correlações em nossa experiência definem conceitos em termos dos quais percebemos similaridades”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 251) Mas, é importante salientar que correlações não são similaridades. Algumas metáforas convencionais do tipo estrutural têm similaridades oriundas de metáforas convencionais do tipo orientacional ou ontológica; as metáforas novas são estruturais e também têm similaridades; elas também selecionam um domínio de experiências, iluminando-as, atenuando-as e escondendo-as, criando assim similaridades.

Mas tudo isso contraria a teoria da comparação dos referencialistas, que afirmam que a metáfora não tem relação alguma com o pensamento ou com as ações humanas, é apenas uma questão de linguagem; que uma metáfora “A é B” é igual a “A é como B”, ou seja, metáfora é uma redução da comparação; que uma metáfora não pode criar similaridades, pode apenas descrever as pré-existentes.

Os conceptualistas apenas concordam com os descritivistas no que diz respeito à tese de que “as metáforas podem ser baseadas em similaridades isoladas”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 252) Eles vêem a metáfora como uma questão de pensamento e em segundo plano de linguagem. Portanto, elas podem ser baseadas em similaridades criadas pela própria metáfora, já que a principal função da metáfora é fazer compreender parcialmente um tipo de experiência em termos de outra. Isso tanto pode envolver similaridades preexistentes isoladas quanto similaridades criadas.

Ainda que os referencialistas vejam a similaridade como inerente às entidades e os conceptualistas a concebam como resultado das experiências humanas, há um ponto em comum entre eles. Segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.: 254) “as coisas do mundo realmente exercem uma função de impor restrições ao nosso sistema conceptual”. Ou seja, transmitem a crença de que são as entidades que impõem as restrições. Acrescentam, no entanto, que isso só ocorrerá a partir da compreensão que o ser humano tem da sua própria experiência, e isso difere de cultura a cultura.

A similaridade não é suficiente para explicar os usos metafóricos, de acordo com a visão conceptualista, pois toda unidade conceptual faz parte de uma *gestalt multidimensional* de propriedades cujas dimensões são: perceptuais, pois concebem o objeto por meio do aparato sensorial humano; motoras, ligadas às atividades que exigem uma interação com o objeto; intencionais,

relacionadas ao uso que se pode fazer de um objeto em determinadas situações; e funcionais, pois concebem a história funcional do objeto.

Muitas das propriedades dos objetos, que o ser humano experiencia, são apenas projetadas, não existem a não ser na verdade de cada um. Daí a importância da projeção para a noção de verdade. Mas a projeção pode ser baseada em um estereótipo. “Como é típico em nossa vida quotidiana, a verdade é relativa à compreensão e a veracidade de uma frase (...) depende da maneira normal como compreendemos o mundo, projetando uma orientação e uma estrutura de entidade sobre ele”. (cf. LAKOFF & JOHNSON, op.cit.: 265)

## 6. Metodologia

Os dados desta pesquisa foram retirados de revistas femininas, como *Claudia*, *Nova Cosmopolitan* e *Estilo de vida*; masculinas, como *Playboy*; e da revista *Veja*, entre os meses de fevereiro a outubro/2004.

Elas foram escolhidas por apresentarem uma maior probabilidade de ocorrência do fenômeno objeto da pesquisa. Efetuou-se também coleta de material do uso cotidiano, observando-se piadas, brincadeiras e conversas informais no dia-a-dia. Além disso, retiraram-se dados de alguns sites femininos na Internet, como *superbonita.com*, *bela.com.br*, *mulheratual.com.br* e *banheirofeminino.com.br*.

É importante salientar que a coleta não teve um caráter sistemático nem tampouco foi exaustiva, portanto trabalhou-se com um “corpus” ilustrativo. Na medida do possível, buscaram-se exemplos reais e situados num contexto definido. Da mesma maneira, a análise não se pretende quantitativa, já que é difícil quantificar um “corpus” ilustrativo.

Os critérios para análise dos dados coletados são os seguintes:

Foram coletadas expressões que fazem referência à mulher, sendo metáforas ou não. Muitas dessas expressões, no entanto, poderiam ser aplicadas também ao gênero masculino.

Os nomes, mencionados nas expressões do tipo “A é B”, foram substituídos por pronomes, evidentemente porque alguns dos nomes próprios são conhecidos.

Das expressões não-literais, observou-se que os termos usados para designar a mulher pertenciam a quatro classes: animais, artefatos e suas propriedades, elementos da natureza e elementos ficcionais. Por isso, foi criado o quadro a seguir com o objetivo de classificar os dados obtidos na pesquisa, categorizando-os. Note-se que algumas das expressões metafóricas já foram lexicalizadas, ou seja, já são aceitas como parte do léxico e não provocam estranhamento. Observe os exemplos *Maria é uma flor*. e *Ela é um avião*.

Outro dado importante é que, durante a análise, observou-se que nem todas as expressões inicialmente coletadas eram metafóricas. Por isso, fez-se uma seleção de dados, trazendo os exemplos que, efetivamente, farão parte da análise lingüística e conceptual que será empreendida neste trabalho.

Finalmente, julgamos importante ressaltar que o “corpus” já era previsível antes da pesquisa iniciar-se, pois a existência de tais expressões metafóricas para designar mulheres é indiscutível.

Quanto ao processo de coleta do material, foi lento e gradual, contando com a colaboração de pessoas dispostas a compartilhar um novo exemplo a cada conversa.

## 7. Análise conceptual dos dados

Uma das intenções desta pesquisa é verificar as regularidades de uso das metáforas sobre a mulher. Para alcançar esse objetivo inicial, é imprescindível observar alguns aspectos.

Os objetivos interacionais (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.:210) dos enunciados, considerando-se os leitores e as fontes, também serão controlados, na medida do possível. Enfim, não se pretende separar o lingüístico do social.

Teoricamente, pretende-se identificar as metáforas, categorizá-las e analisar os objetivos e a lógica da produção do fenômeno. Quanto ao processamento das metáforas, numa perspectiva conceptual, observar-se-á como os conceitos são ativados a partir da compreensão, como se dá a interpretação e como as metáforas organizam nossas estruturas conceituais.

Para iniciar a análise conceptual das metáforas sobre a mulher, encontradas nesta pesquisa, é necessário insistir na questão central da perspectiva conceptual, que é o fato de, segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:48), não ser apenas o léxico e suas propriedades que produzem as metáforas, mas o conceito.

Partindo desse princípio, empreendeu-se uma análise das categorias que foram vistas anteriormente sob a perspectiva semântica. A análise, que se pretende conceptual, colocou o seu olhar sobre os conceitos que estão implícitos em cada conjunto de expressões metafóricas do “corpus” desta pesquisa.

No caso das metáforas que têm como domínio-fonte animais, o estudo semântico mostrou as seguintes regularidades. Faz-se uso de metáforas com animais referindo-se à mulher para tratar de suas características físicas, do seu comportamento sexual, do seu temperamento ou caráter e de sua inteligência. No entanto, apesar da análise dos traços lexicais ser insuficiente para dar conta dos significados que surgem dessas metáforas em uso, a análise conceptual também não é suficientemente explanatória para se resolver as questões de metáfora. Isso se dá porque os conceitos implícitos na metáfora não estão realmente associados aos elementos que as compõem, mas são construídos por modelos prototípicos ou estereótipos.

Para justificar a afirmação acima, veja a seguinte análise. Enquanto em “baleia” e “porca”, o traço distintivo peso parece contribuir para a interpretação da metáfora, em “gata” e “Coelhinhas” não há realmente um traço nesses animais que possa corroborar com a interpretação voltada para a beleza da mulher. Se for dessa forma, todos os animais da lista que se refere à característica física da mulher poderiam permitir uma interpretação voltada para a beleza, já que todos os animais são esteticamente bonitos, dependendo do ponto de vista. A hipótese que se pode apresentar é que tanto o animal quanto a mulher compartilham não de um único mapeamento conceitual pré-estabelecido e presente na mente de quem produz essas metáforas, mas de um estereótipo social (cf. PUTNAM op. cit.:251) que vê o gênero feminino sob uma perspectiva estética e física. As expressões “baleia” e “porca” são interpretadas por quem as ouve como pejorativas, já que na sociedade atual, marcada por ícones delgados e longilíneos, ser chamado de gordo é pejorativo. Como já dito, é impossível dizer “baleia” ou “porca”, referindo-se a uma pessoa como bela, forte ou sensível, mesmo sabendo-se que os animais “baleia” e “porca” podem ser considerado bonitos, são fortes e não são ferozes.

Nesse momento é necessário ressaltar que esses efeitos de sentido não são apenas oriundos do sujeito ou característica de um contexto único e privativo. Os sentidos são construídos historicamente e não fazem parte de um conjunto de leis que abrigam o cérebro humano. São construções marcadas e estereotipadas pelas experiências sociais do homem.

O mesmo ocorre com as expressões que indicam comportamento sexual, temperamento ou caráter e inteligência. Não existe qualquer argumento que comprove a promiscuidade dos animais que, quando colocados em uma metáfora sobre a mulher, dão uma conotação sexual de promiscuidade. A razão para que se interprete termos como “galinha”, “cadela” e “piranha”, entre outras, como metáforas de uma mulher sexualmente livre pode estar numa relação prototípica (cf. GLUCKSBERG, op.cit.:72) em que se considere um tipo específico de “galinha” ou de “cadela” ou de “piranha”. E que esse tipo específico tenha entre seus traços a característica de promiscuidade, liberação sexual etc. Ou pode ser fruto, como já dito, de uma construção historicamente constituída e estereotipada.

No que tange ao temperamento, as metáforas reafirmam algo que já é vigente que é o fato de a mulher ser mais temperamental, mais emotiva, mais impulsiva e mais instável emocionalmente do que os homens. Mas isso não é suficiente para que se generalize. Metáforas cujo domínio-fonte são “cobras”, “serpentes”, “víboras” e “jararacas”, considerando a mulher como temperamental, talvez provenham do mito bíblico, que apresenta uma relação muito estreita entre a mulher, a cobra e a traição.

Quando se trata dos animais que metaforizam a mulher com relação à sua inteligência, o que se percebe é uma forte tendência a tratá-la como pouco inteligente. Mas a razão para se considerar animais como “anta” e “burra” como símbolos da pouca inteligência não está nos traços semânticos dessas palavras, nem nas características dos animais e sim num possível estereótipo criado a partir de uma categoria prototípica desses animais.

Apesar do exposto nos parágrafos acima, é praticamente impossível estabelecer um parâmetro segundo o qual se saiba se o traço metaforizado realmente existe, apesar de o léxico contribuir para essa existência, ou se é um conceito formulado a partir de estereótipos.

O léxico, segundo Lakoff & Johnson (cf. op.cit.:234), tem a responsabilidade de restringir a possibilidade de interpretação da metáfora conceitual. Só é possível interpretar a metáfora por causa da língua, que estabelece os parâmetros. Mas o contexto também tem seu papel nessa relação entre construção e interpretação da metáfora, assim como o social. Por exemplo, se uma mulher é chamada de “cobra” por uma mulher de ex-marido, a interpretação será conduzida ao caráter dessa mulher; mas se for numa situação de disputa entre pessoas, provavelmente é o temperamento forte da mulher que estará em questão.

Mas se transformarmos “Ela é uma cobra” em “Ela é cobra”, a sentença passará a ter uma conotação de inteligência. Aqui a variação dependerá também da presença ou não do artigo.

Assim, o termo “cobra” permitiria três possíveis interpretações: mulher sem caráter, instável emocionalmente e inteligente. E já se sabe que a “cobra” não possui nenhuma dessas características.

Quanto aos artefatos e suas propriedades, percebe-se mais uma vez uma tendência a metaforizar a forma física da mulher, dessa vez estabelecendo uma aproximação entre ela e a forma, a função e o comportamento de um dado artefato. O exemplo (01) “avião” é eficaz para mostrar a importância de se valorizar o contexto de uso da sentença, pois se ela for dita por um homem a sua interpretação passará pela seguinte trajetória: o sexo masculino normalmente gosta de máquinas, e isso já é um estereótipo; aviões são máquinas; aviões são grandes, bonitos. Portanto, essa mulher é uma máquina grande e bonita, útil, rápida etc. Esse conjunto de traços lexicais que enfatizam a forma da mulher permitem uma interpretação voltada para o estético. Já em (60), “canhão” é uma arma de guerra, grande e pesada, mas numa sentença metafórica não é o traço tamanho ou peso que está em questão e sim a sua aparência estética, que na verdade é um traço irrelevante do objeto em si.

O conceito implícito nessas metáforas é o de que a mulher é um objeto e, portanto, o que importa nela é a sua forma, sua função e conseqüentemente seu valor – inclusive monetário. Observe os exemplos “bonequinha”, “geladeira” e “tesouro”. Mas esse conceito não é gerado nas experiências físicas humanas como afirmam os conceptualistas (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.:153). É um conceito muito antigo na sociedade patriarcal, culturalmente estabelecido e que alimenta o estereótipo da mulher-objeto. Inclusive os exemplos “sabonete”, “Tubaina”, “marmita” e “pastel” metaforizam a mulher como objeto consumível e descartável.

Algo parecido ocorre com as expressões que indicam propriedades dos artefatos. Como já visto, elas se referem ao temperamento, aos aspectos físicos e à inteligência da mulher. Percebe-se, mais uma vez, uma ênfase no traço de temperamento instável da mulher, na sua aparência física e na sua pouca inteligência. Os aspectos físicos e de inteligência já foram tratados quando da análise das outras categorias. Mas o aspecto de temperamento traz um novo conceito à tona. Implícitos a essas metáforas estão dois conceitos conhecidos socialmente da mulher. Como, na sociedade capitalista, ser emotivo e temperamental é

ser considerado fraco e perdedor, e isso é um valor também considerado negativo, metáforas como “Ela está descontrolada”, “Ela é alterada” servem para alimentar o estereótipo de mulher frágil e, portanto, inferior.

Quanto aos conceitos implícitos nas metáforas construídas com base em elementos da natureza, já foi visto pela análise lexical que a interpretação dessas metáforas conduzem à idéia de temperamento, comportamento sexual e características positivas da mulher. Dos conceitos observados, só é relevante mencionar aqueles implícitos nas metáforas que tratam do comportamento sexual e de características positivas da mulher.

Os exemplos “bananeira” e “bactéria” são metáforas novas e tratam de traços referentes à característica sexual da mulher. Na gíria, ser bananeira ou ser bactéria é mais ou menos a mesma coisa: ser experiente e ter liberdade para escolher sexualmente. Entretanto, essa liberdade não é vista como uma conquista positiva. Trata-se de uma liberdade vista do ponto de vista masculino tradicional, sob o qual a mulher é apenas um objeto sexual de interesse. Implícito nessas metáforas está também a idéia de que o corpo da mulher não lhe pertence. Em “bananeira”, sugere-se um julgamento à mulher porque não gosta de sexo como talvez devesse gostar. Em “bactéria”, há uma indução ao pensamento de dependência da mulher ao sexo masculino, já que a bactéria é um ser que subsiste em um ambiente propício.

Quando se trata dos conceitos implícitos em metáforas compostas por elementos, como “sol”, “lua”, “estrela”, “flor” e “luz”, percebe-se uma tendência ao oposto do dito até agora. Ou seja, a mulher dessa construção metafórica é bela e sublime, intocável e sublimada. Representa uma das vertentes da dualidade feminina que vem sendo negada há algumas décadas. Ela é um símbolo para exaltação. Todos os exemplos referem-se à beleza ou à bondade femininas e são utilizados com base em estereótipos aplicados aos domínios-alvo. Ou seja, essa mulher a quem as expressões metafóricas se referem é um mito, uma idealização criada por determinadas culturas e alimentada através dos tempos. O que se percebe é um conflito entre dois conceitos: mulher sublime X mulher-objeto.

Para as metáforas construídas com base em elementos ficcionais, já foi vista a tendência a tratar da aparência física e do caráter da mulher. O conceito relevante que se deve tratar aqui é a questão do fascínio natural que a mulher exerce sobre o homem.

Finalmente, o que se percebe é que o fato de nem todas as propriedades do domínio-fonte servirem para uma interpretação da metáfora pode resultar da não existência de um mapeamento conceitual a ser materializado em forma de expressões metafóricas, como propõem os conceptualistas (cf. LAKOFF & JOHNSON op.cit.53). Dessa ausência de mapeamento imanente, pode vir a necessidade de se criar, em determinado contexto e a partir de algumas experiências ou gestalt experiencial, um estereótipo e alimentá-lo com outras metáforas.

Resumindo, a análise conduziu, ainda que superficialmente, a uma reflexão sobre o modo de ver da sociedade em relação à mulher. Através da linguagem, pôde-se observar como os sentidos são construídos socialmente. Confirma-se o que já é notório: a mulher ficou por séculos submissa a uma visão preconcebida de seu papel como participante da sociedade e, ainda hoje, apesar dos avanços serem indiscutíveis, percebe-se a presença de um forte preconceito em relação a ela.

## 8. Considerações finais

Este trabalho abordou o fenômeno metafórico sob as perspectivas conceptual, tendo como material de análise metáforas que são ditas sobre a mulher. O objetivo principal foi identificar as propriedades semânticas que são metaforizadas e os tipos de palavras utilizadas, na busca de regularidades de uso, e observar os possíveis conceitos implícitos nas expressões metafóricas.

A análise conceptual mostrou que realmente existem conceitos associados à visão que se tem da mulher, com ênfase na aparência física, na promiscuidade sexual, no temperamento forte e instável e na falta de inteligência. A observação de alguns contextos nos quais essas metáforas poderiam ser ditas e de suas possíveis interpretações levou a crer que os conceitos não são pré-estabelecidos, como propõem os conceptualistas. Eles são determinados socialmente via estereótipos produzidos a partir dos protótipos dos elementos que compõem os domínios-fontes dessas metáforas. Dessa forma, os conceitos que estão implícitos nas expressões metafóricas não são apreendidos pela mente e reproduzidos, mas sim criações de estereotipia fundamentadas em formas lexicais prototípicas.

Outra constatação refere-se ao contexto em que está inserida a metáfora: é ele que estabelece os traços que serão ressaltados. Por isso, alguns traços relevantes do domínio-fonte não são enfatizados no mapeamento entre domínios. É importante salientar que as construções são sociais e contextuais e o contexto não é estável. Esta pesquisa baseou-se em sentenças que, apesar de fazerem parte de uma determinada situação, podem ter um efeito de sentido outro qualquer a depender da mudança de contexto.

A pesquisa se fundamentou em três correntes de estudo da metáfora com ênfase na corrente conceptualista. A questão da similaridade foi tratada a partir da busca de relações entre os domínios-alvos e os domínios-fontes. Mas constatou-se, como já previsto por alguns autores, como Ortony (cf. op.cit.: 342), que ela não é substancial para resolver a questão da interpretação e do entendimento de metáforas. O que realmente percebe-se é que, entre os domínios, há uma semelhança relativa construída por estereótipos sociais da mulher. Ou seja, os seres e os objetos dos domínios-fonte que compõem a metáfora não possuem todas as propriedades do domínio-alvo mulher. Portanto, a similaridade isoladamente é um traço secundário na busca de respostas para a interpretação de metáforas.

Finalmente, a pesquisa mostrou que a análise das propriedades dos objetos pode contribuir para o entendimento da metáfora, pois linguagem é um aspecto tão importante para a interpretação quanto o são os conceitos formulados a partir de estereotipia de protótipos. Mas ela não explica como se dá a escolha da palavra que irá compor a metáfora.

Além disso, comprovou-se que os conceitos são mapeados em domínios que se inter-relacionam e dependem da experiência humana concreta. Também observou-se que o estereótipo é criado a partir de uma dada categoria estabelecida como protótipo, que se mantém alimentada pela comunidade de fala.

Uma questão considerada relevante é o aspecto político que envolve a discussão sobre a mulher como participante de um processo sócio-histórico. Esse debate permaneceu implícito na análise, dada à impossibilidade de haver um trânsito livre entre a análise conceptual e a sócio-histórica, característica imanente à área dos conhecimentos lingüísticos.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, M. (1993) More about metaphor. In.: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press Pp.19-41.

DAVIDSON, D. (1979) What metaphors mean. Chicago: Chicago University Press. Tradução Brasileira: (1992) O que as metáforas significam. In.: SACKS, S. (org.) **Da metáfora**. São Paulo: EDUC. Pp. 35 a 51.

GIBBS, W. R. J. (1994) **The Poetics of Mind**. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_ (1996) Why many concepts are metaphorical?. In.: **Cognition**. 61 p.309-319

GLUCKSBERG, S. (2001) **Understanding Figurative Language from metaphors to idioms**. Oxford: Oxford University Press, Pp.3 a 107.

GRIMM-CABRAL L. (1994) **The Role of Metaphor in Informative Texts**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980) *Metaphors we live by*. Chicago, Chicago University Press. Tradução brasileira: (2002) **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC Pp. 9 a 358.

LAKOFF, G. (1993) The contemporary theory of metaphor. In.: ORTONY, Andrey. **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.202 a 249.

LEEZENBERG, M. (2001) **Contexts of Metaphors**. Amsterdam: Elsevier, Cap. 2.

ORTONY, A. (1993) The role of similarity in similes and metaphors. In.: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.342 a 355.

\_\_\_\_ (1993) Metaphor, language, and thought. In.: ORTONY, A (org.) **Metaphor and Thought**. Second Edition, Cambridge: Cambridge University Press, Pp.1-15.

PUTNAM, H. (1975) **Mind, language and reality**. Philosophical Papers, vol.2 Cambridge: Cambridge University Press, cap.12.

SANTOS, L. (2003) **Estereótipo e conhecimento de mundo**. In.: Trabalho apresentado à disciplina Seminário Especial em Semântica e Pragmática, da Pós-Graduação em Lingüística da UFSC.